



A Saga de

Mitrax

O Arcanjo Miguel e os Dragões de Kanera

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



Quase impossível é descrever a vida e as ações dos

arcânjos. Faltam-nos palavras e compreensão sobre esse mundo, pois está muito além de nossa capacidade cognitiva e imaginativa. Desta forma, vamos iniciar a narrativa desta história utilizando uma linguagem mais próxima a dos arcânjos. Contudo, como tal narrativa representa um esforço enorme, vamos passar a descrever os eventos aqui tratados da maneira ordinária, mesmo à custa de grande imprecisão e distanciamento dos Atos dos Arcânjos.

Raiatranslúmina-em-partes-e-todo-intra-meta-trans-intralma-e-vista-em-interferênciainomogênea Vossa Santidade São Miguel Arcanjo distante-ele-da-pazprofunda: Erhah-Lalôt com-múltiplos-olhos. Vossa-Santa-Constelação Aaor-Fanuel-Zaraquiel manifesta-congruente-C-setor- $\psi_{300}-a_0=32$ -parsecs. Meditam-oram-não-presentes-C-setor resplandecem-orientam-linhas-destino-incerto-dor-da-humanidade. Dor-da-humanidade. Anjo-desejo-abandonado-em-deserto. Boca-verbo. Mente-no-futuro. Mente-unmobile. Mente-correta. Mente-hiperatraída. Flutuação-aperiódica-intermitente-lembrança-hereditária. Paisagens-desertas-camposdebatalha-tempestades-novecentasedozecabeçasdedragão. Palácios-de-prazer-e-hera-não-mais. Branco-e-não-vazio. Esfera-reflete-peito-não-mente. Coromental-aum-dozeentes-aqui. Poderosa-interferênciaconstrutiva-no-Erhah-Lalôt. Quaseesfera-protuberâncias-sem-foco-menos-que-ummilésimo. Quaseesfera-prende-e-conforta-tal-espadaleve. Prazer-flutuação-desejopequeno. Mentefoco Vossa Deferência Fanuelfalmente. Somente-em-si-não-interferência. Congruência-por-decoerência. Overbocorreto-repete-e-ecoa. E-ecoa-e-fortepermanece. Doze-acresce. Voz-profunda-e-infindaatéofimdomundo. Aextensãodamente-outros-mundos-protege-e-alivia. Sonda. Sonda. Sonda. Profunda. Quantas. Enteseonsofrimento-apazigua-pelo-brilhodamente.

E, enquanto a cerimônia prosseguia, diversos anjos exerciam suas atividades por ali. Eram servos voluntários da Companhia. Alguns seriam esplendornectar, outros carregavam

objetos e traziam roupas para os Elevados. Mas um deles, em especial, o mais humilde, deslumbrado e atrapalhado dos servos, Uriel, tentava malssucedidamente disfarçar esfregando o alvo chão de thurmármore, mas observava tudo atentamente, esticando o pescoço, raramente olhando para o piso.

Enquanto falava, Fanuel o observava com o canto do olho da mente, sem que o anjo o percebesse.

-Estais pronto a abandonar a vida angelical prazerosa e se dedicar arduamente à Missão? – indagou, fitando fixamente o neófito.

Miguel tentou focar a mente e descer ao Estado Fundamental, manifestando-se localmente, desfazendo a ênfase mental nos dispersos sentimentos espírito-hereditários. Para isso, focou na própria manifestação de Fanuel, o chefe-da-cerimônia. Manifestação curiosa aquela: colocara rugas na face, pelancas. Olhos profundamente marrons. Forma humana. Aquela que exigia menor esforço mental. Mas, numa cerimônia como aquela... por que não outra forma? Um bajo de Berthior, por exemplo. Não fosse a coroa de luz sobre a testa, parecer-se-ia como um mero anjo, Fanuel. Fanuel de alvas asas. Fanuel de longa face.

-Estou pronto – disse ele, com voz suave, mas reverberante.

-Muito bem – continuou o sub-comandante Fanuel. – Daquiriel?

O jovem anjo veio carregando uma bandeja completamente transparente, que resplandecia nas arestas como pequenas lâmpadas, com os dois objetos em cima. Quase tropeçou ao se aproximar do sub-comandante. Não que Daquiriel o temesse. Era o seu assistente e já se acostumara com o seu rigor. Não. Era por causa dele, o Comandante. Ele, o próprio Senhor da Luz, estava ali, espiando tudo.

Mais deslumbrado que Daquiriel, somente o anjo Uriel. Nesse instante, estava com os olhos arregalados, ajoelhado no chão, ao lado de uma das imensas estátuas brancas dos heróis do passado, segurando uma enorme bucha na mão, de onde escorria abundantemente lactodetergente num contínuo filete laminar.

-Espada ou chave? – balbuciou o anjo negro, antevendo a próxima etapa da cerimônia, pois Uriel sabia cada palavra do ritual, cada fase, cada gesto, cada objeto, nos mínimos detalhes, do Erhah-Lalôt.

Daquiriel retirou a pesada e enorme chave da bandeja e colocou-a na mão esquerda do sub-comandante. Depois o rodeou, sendo acompanhado pelo olhar atento de Uriel, e entregou a Fanuel a espada, em sua mão direita.

Nesse instante, todos os trinta e um arcanjos presentes no pátio abaixaram as têmporas, colocando as mãos unidas a tocar a testa. Concentraram-se e entoaram o Contínuum Chorum. Então era chegada a hora, o auge da cerimônia. E disse Fanuel:

-Espada ou chave?

Miguel estava ajoelhado, à moda dos arcanjos, com um joelho tocando o piso e o pé da outra perna firmemente plantado no chão. Vestia uma armadura resplandecente, prateada. Sua capa era da cor que escolhera: vermelho intenso. Suas alvas penas tremiam levemente, sacudidas pelo Vento do Verbo.

Uriel sentia que seu coração astral parara de bater, em expectativa. Já vira muitas cerimônias do Erhar-Lalôt antes, mas sempre se sentia assim, arrebatado por uma emoção incomensurável. Nem mesmo sentia que estava com a boca aberta por um bom tempo e, pelos cantos da boca, escorria uma baba angelical transparente e viscosa.

Mas Miguel não tinha dúvidas de sua escolha. Não tinha dúvidas sobre o que era. Então, com voz firme, mas suave, como uma canção, entoou:

-Espada!

Aaor, que estava a uns bons metros do neófito, sentado na posição de lótus, mesmo sem movimento algum, mesmo sem nenhuma manifestação muscular, por menor que seja, mentalmente não conseguiu esconder uma diminuta explosão de satisfação. Mas talvez o único que percebeu isso foi Uriel, atento como estava ao Comandante e à cerimônia, e disperso como estava de seus próprios afazeres.

“Ah! O Comandante tem planos para ele!”, pensou.

Mas, é claro, o Senhor da Luz captou os pensamentos do anjo. Então, mentalmente, ordenou:

“Voltai ao vosso trabalho, criatura displicente!”.

Imediatamente, Uriel, um tanto atrapalhado, voltou a esfregar freneticamente o chão, pensando: “Sim, senhor! Sim, senhor!”.

Nesse momento, Fanuel estendeu a espada, com o cabo voltado ao anjo ascendente. Miguel a apanhou, com uma naturalidade espantosa, mesmo sendo aquela uma espada arquiangelical, muito mais poderosa e sofisticada que qualquer espada que já tivesse segurado em toda a sua existência.

Foi quando o sub-comandante proferiu as últimas palavras:

-Como anjo vos ajoelhastes. Como arcanjo vos ergueis!

Miguel se colocou em pé novamente e os outros arcanjos que ali estavam, longe de entoarem canções angelicais e tocarem harpas, socaram-se uns aos outros, rindo, e rejubilando-se pela ascensão do companheiro. Então, ergueram as mãos e gritaram bem alto:

-Matador! Matador! Matador!

#####

Um milhão e duzentos mil anos antes da Era dos Grandes Reis e Rainhas.

Era um campo imenso e infinito de grama azul. Havia colinas. Não era plano. Colinas, pequenas e insólitas, até a vista não mais alcançar. E lá estava, como um único ponto vermelho e branco, Miguel. Segurava gentilmente o arquisabre, aquela espada que se tornaria famosa. Sinuosa e brilhante. Algo entre o fogo e o ferro. Fazia movimentos em torno de si, com as pálpebras fechadas, os cabelos negros dançando em torno do rosto. Perigosos movimentos para quem estivesse perto. Precisos e rápidos. Mortais.

Mas, Uriel, vendo-o do alto, aproximando-se em vôo, não poderia evitá-lo. Assim, desceu, excitado em expectativa. O anjo carregava um objeto, uma espécie de pergaminho semitransparente. Quando pousou, recolhendo as asas, a espada do Arcanjo Miguel já estava a um centímetro de seu pescoço.

-Que isso, irmão! – exclamou Uriel, assustado.

-Alguém já vos falou para nunca vos aproximardes de um arcanjo em treinamento? – indagou Miguel, com voz pouco amistosa.

-Pediram-me para entregar-vos algo.

-Estou vendo – respondeu o arcanjo, embainhando a espada.

Uriel não desgrudou os olhos da arma. Morria de curiosidade a respeito do objeto. Admirou-se do seu brilho como o fogo. Do poder que sentia emanar da lâmina sagrada. Ademais, admirava os arcanjos e sabia tudo o que podia a respeito deles. Assim, ficou pensativo olhando para a espada e a armadura de Miguel, esquecendo-se do que viera fazer ali.

O arcanjo também analisou o anjo. Ele assumira uma forma negra, crioula. Seria esse o seu estado fundamental? Aquele em que gastaria menor energia mental? Miguel admirou-se dos grossos lábios pois, ao contrário de outros crioulos que já vira, eram também bastante escuros. Admirou-se também do cabelo, que era o mais pixaim que já havia visto em um anjo em toda a sua longa existência.

-Não viestes entregar-me algo? – acabou indagando.

-Ah! Ah, sim! – respondeu Uriel, recobrando-se do estado hipnótico.

Miguel tomou o pergaminho transparente e o desdobrou, lendo. Seu cenho ficou sério. Uriel uniu as mãos nas costas, encontrando caminho no meio das asas, sem intenção alguma de se afastar, embora já tivesse cumprido a sua tarefa.

O arcanjo ergueu os olhos na sua direção e disse secamente:

-Dispensado, anjo.

Mas Uriel nem se moveu. Observava-o com cara de bobo, com um sorriso nos lábios.

-É verdade o que dizem? – indagou o anjo negro.

-O que?

-Que vós já matastes mais de mil dragões?

-Boatos inverídicos – respondeu apressadamente Miguel, absorto e preocupado com o teor da mensagem. – Acho que matei um pouco mais de cem. Perdi a conta quando cheguei ao centésimo.

Era mentira. Matara, até então, novecentos e doze dragões. É claro que essa conta incluía tanto os que matara no passado quanto aqueles que eliminara visitando o futuro. Mas não importava, havia novecentos e doze atrelados à sua alma. E lembrava-se pormenorizadamente de cada um deles, dos seus trejeitos e peculiaridades, de suas fragilidades e fortalezas. Mas, é claro, ele não queria criar uma lenda em torno de si.

-E posso saber qual é o conteúdo da mensagem? – perguntou audaciosamente o anjo, ainda com um sorriso de bobo no rosto.

Naturalmente, Miguel considerou aquilo o cúmulo da petulância. Então, enrolou bruscamente o pergaminho e respondeu ainda mais seco:

-Fui chamado pelo sub-comandante. Acho que já tenho uma missão! – e passou apressadamente por Uriel, obrigando-o a se colocar de lado e alçando vôo, como querendo dizer: “Saí da minha frente e vos colocai em vosso lugar!”.

Mas Uriel não se deu conta daquilo – ou não quis se dar – e voou atrás dele, dizendo, para desespero do arcanjo:

-Então vou convosco!

#####

Voaram através do céu azul do planeta capital do Setor C. Logo avistaram a brilhante cidade de Hadja, a sede da Companhia, erigida há tempos imemoriais sobre a colina de Dericora. Voaram entre os imensos prédios, brancos e na forma de árvores de centenas de metros de altura, entre os quais viajava grande número de anjos e arcanjos, voando de um lado para o outro. Pousaram no terraço do prédio sede da Companhia e, lá, entre as inquebrantáveis colunas de mármore malhado, esperava Fanuel, andando de um lado para o outro com as mãos unidas às costas.

Miguel aproximou-se imediatamente do sub-comandante, ajoelhando-se à moda dos arcanjos. Uriel permaneceu a certa distância, mas perto o suficiente para ouvir tudo. Contudo, Fanuel não perdeu tempo, foi logo ao assunto:

-Temos uma missão para vós. Conheceis a fama de Kanera, não é?

Mas Miguel conhecia muito bem aquele planeta.

-Kanera é onde está o maior criador de dragões da galáxia, Cator. Célebre pela ferocidade e força de suas criaturas.

-Muito bem. E neste setor, há dois mundos em que a humanidade está na sua pré-infância, preparando-se para florir. Um desses mundos é a Micropella.

-Já ouvir falar, senhor.

-Pois o inimigo adquiriu doze dragões em Kanera, - continuou Fanuel, com cara de poucos amigos - das espécies mais perigosas e desafiadoras. Levou-os para a Micropella com um único propósito: exterminar a nascente humanidade. Vossa missão: ir até lá e matá-los!

Miguel ouviu o sub-comandante em silêncio, com a cabeça baixa. Mas Uriel, ao ouvir aquilo, soltou um assobio. Fanuel o olhou com o canto dos olhos e o anjo disfarçou, olhando para o céu.

Mas, para desviar a atenção do sub-comandante sobre o anjo, Miguel disse com voz firme:

-Sim, senhor!

-E, a propósito – continuou Fanuel, aproximando o rosto de Miguel e falando mais baixo, apontando para o anjo negro. – Levai-o convosco, como vosso escudeiro!

Miguel se surpreendeu. Gostaria de perguntar o porque e como, mas um arcanjo jamais questionada as ordens de um superior. Então, simplesmente repetiu:

-Sim, senhor!

Mas Uriel estava embasbacado. Ele era um simples anjo, um simples encarregado pela limpeza do chão do prédio. Então, ficou com a boca aberta, cheia de saliva, e olhos arregalados, com ambas as mãos com os dedos voltados para o próprio peito, balbuciando:

-Eu? Euzinho?

Nesse momento, Fanuel já tinha perdido a paciência:

-Sim, criatura! – gritou. – Vós! Não ouvistes o que eu disse?

-Mas... mas... mas, senhor... – balbuciou o anjo. – Eu... eu sou apenas um anjo... isto é... nunca fui de um mundo ao outro... oh... é claro... como vamos ser transportados, com um cruzador estelar ou uma nave gótica?

Então, Miguel nunca viu o sub-comandante tão irado. Percebeu que ele estava a ponto de explodir. Um arcanjo questionar o sub-comandante já seria uma afronta. Um anjo então...

Mas Fanuel foi irônico:

-Ah, e o que vossa excelência prefere?

-Bem – disse Uriel, sem ter percebido a insubordinação, - não passo muito bem quando viajo numa nau gótica, então...

Mas o sub-comandante interrompeu o anjo com uma explosão sonora:

-Petulante! Já tendes vossas ordens! Cumpri-as! – e saiu rapidamente, voando em direção à porta que dava acesso ao interior do prédio.

Mas Uriel ainda estava estupefado. Simplesmente não acreditava no que tinha ouvido. Como poderia ajudar o lendário Miguel, sendo apenas um humilde anjo?

-Não entendo... – resmungou para si mesmo.

-Não há nada para entenderdes – disse firmemente Miguel, colocando-se de pé e rodeando o anjo. – Fostes nomeado meu escudeiro, então vamos cumprir nossas ordens!

Uriel não sabia o que dizer. Acabou falando:

-Sim... senhor!

-Mas o que eu vejo aqui? – disse Miguel, ainda a o rodear, observando bem a sua manifestação corpórea. – O que é isso? Onde arrumastes essa barriga?

-Barriga? – indagou Uriel, surpreso. Então, olhou para baixo e tocou o ventre com ambas as mãos. De fato, percebeu que ali havia uma barriguinha.

-Vamos, esforçai-vos. Encolhei essa barriga!

É claro que aquelas palavras de Miguel eram endereçadas a um anjo. Então, “encolher a barriga” não significava retrair os músculos da pança, mas se esforçar mentalmente para remodelar sua manifestação corpórea. E Uriel fez um esforço e a barriga diminuiu. Mas a concentração mental fez com que o seu traseiro se projetasse para trás. Então, Miguel sacou a espada flamejante e acertou-lhe no traseiro com a parte destituída de fio.

-Aprumai-vos! – ordenou o arcanjo.

Uriel, desconcertado, se concentrou ainda mais e diminuiu também o traseiro.

-Ah, melhor – comentou Miguel, embainhando novamente a espada.

Mas Uriel ainda estava preocupado:

-Mas, senhor. Como vamos chegar à Micropella? Isto é, sou apenas um anjo e...

-Por acaso pensais que os cruzadores estelares estão disponíveis assim por aí? É claro que todos estão ocupados com muitos outros afazeres. Se não nos deram transporte, é porque devemos ir à moda antiga!

-À moda antiga? – indagou Uriel, com os olhos arregalados, espantadíssimo. – Quereis dizer montando comonzatls? Mas eu sou apenas um anjo, não sei...

Mas Miguel o interrompeu:

-Parai de dizer que sois apenas um anjo! Deram-nos uma ordem, vamos cumpri-la!

Então Miguel percebeu a profundidade do estado do anjo. Ele estava apavorado e, ao mesmo tempo, excitado com a possibilidade de fazer algo com que havia sonhado por quase toda a sua existência enquanto um anjo.

-Ouvi – disse Miguel, tendo uma idéia. – Acho que sei de alguém que pode ajudar-nos. A ajudar a ensinar-vos o cavalgar dos comonzatls entre as estrelas.

-Quem?

-Ashiata Shiemash.

-Ashiata Shiemash! – gritou o anjo, fazendo o chão e as colunas tremerem. – Depois, envergonhado pelo grito que fizeram muitos outros anjos pararem no céu, colocou as mãos sobre os lábios, murmurando: - O mestre?

-Claro! Quem mais?

-Mas ele... ele... como ele nos atenderia? Isto é... quem somos nós para falarmos com o grande mestre? E, depois, onde o encontraríamos?

-Soube que ele está aqui. Não ele na verdade, mas o segundo pico de sua santíssima densidade de probabilidade.

-Ah, como um eco dele, né? E achais que nos receberia?

-Por que não? – indagou Miguel, parecendo pouco preocupado. – Vamos! – e saiu voando.

Mas Uriel ainda não acreditava no que estava acontecendo:

-Eu? Escudeiro do Matador? – balbuciou para si mesmo, olhando para o nada.

E demorou alguns segundos até que percebesse que Miguel já ia distante. Então, alçou vôo. Mas, de uma sacada do alto, dois elevadíssimos espíritos os observavam:

-Achais que fizemos bem? – indagou Fanuel, cheio de dúvidas. – Ele é o Matador, é fato. Mas aqueles não são dragões quaisquer! Eu já estaria preocupado se fossem dois. Mas... doze?

Ao seu lado, Aaor, o Senhor da Luz, manifesto na forma humana, mas consubstanciado como água azul, dentro da qual nadavam peixes, respondeu com voz de ondas, serenamente:

-Não vos preocupais. Uriel está com ele!

#####

Voaram até uma caverna onde se dizia que estava uma congruência de manifestação do mestre. Contudo, lá dentro, dentre a pouca luz que adentrava, vislumbraram apenas um vaso comprido, escuro e adornado com figuras em baixo relevo que eram difíceis de serem distinguidas devido à pouca luz. O anjo e o arcanjo circundaram o vaso. Uriel chegou mesmo a dar uma olhada no seu interior à procura de Shiemash.

-Onde está? – indagou o anjo, colocando as mãos na cintura.

-Pode estar em qualquer lugar – respondeu Miguel. – Dizem que é brincalhão!

-O que é ele, Matador, uma potestade, uma virtude?

-Uma virtude. É, uma virtude... eu acho!

-Talvez nossa vinda foi infrutífera – reclamou Uriel. – Ademais, porque uma virtude nos receberia?

Miguel estava propenso a concordar, mas uma voz apareceu, mudando a disposição do seu espírito.

Mas qual jornada é infrutífera se qualquer uma delas nos leva a algum lugar?

-O que dissestes? – indagou o anjo negro.

-Não fui eu! – exclamou o arcanjo. – Acho que foi... o vaso!

Uriel mirou o vaso incrédulo. Mas depois pensou: Por que estou incrédulo? Ele é uma virtude! Pode tudo!

-Mestre? – disse o matador, tentando se certificar da presença de Shiemash.

-Não fiquéis assim espantados. Mostro apenas o que viestes buscar aqui! – disse o vaso.

-Mas eu não estou vendo nada! – reclamou novamente Uriel.

-Eu, eu, eu, eu! Sempre eu! O eu não leva a lugar nenhum! O que quereis encontrareis dentro do vaso! – respondeu Ashiata Shiemash.

Uriel olhou novamente o interior do vaso, mas nada viu lá. Estava vazio.

-Mas continuo nada vendo!

-Ah! Pelo menos não mencionastes o eu agora! Há, há! Mas... por que vos decepcionais tanto com o vazio?

Ambos, arcanjo e anjo, não entenderam a pergunta a princípio. Uriel prestou bastante atenção àquela voz que saía do vaso, agora. Pareceu-lhe uma voz debochada e um tanto maluca. Mas o mestre, percebendo a confusão de seus interlocutores, explicou:

-Cultivando o eu, não ireis a lugar algum. A congregação do eu verdadeiro torna um ser poderoso. Mas é o vazio que nos pode levar ao longe.

Miguel já havia percebido o âmago da questão, afinal, embora até pouco tempo fosse apenas um anjo, vá fizera diversas viagens interestelares. Uriel, contudo, ainda tinha o semblante carregado pela dúvida:

-Mas, mestre. Pensei que sempre pregastes o desenvolvimento da Consciência Objetiva!

-Importante é a Consciência Objetiva! Mas importante também é a Santificada Inconsciência Absoluta! Ela nos faz acender nas asas da humildade. Como queres estar lá se o cultivo do eu significa estar em algum lugar? Desaparecei com o eu e estareis lá. Sumi com o eu e podereis montar o lombo dos comonzatls!

-Mas, mestre, não entendo... – disse Uriel. Contudo, o mestre silenciou. E, por mais que Uriel insistisse e o chamasse, ele não mais se manifestou. Miguel sabia que ele era assim, então, declarou:

-Não adianta, Uriel. Ele já disse o que tinha a dizer. Refleti sobre o que ele disse. Temos algum tempo ainda, até que o próximo bando de comonzatls passe por perto deste planeta.

O anjo o olhou desconcertado, já duvidando que conseguisse voar até outro sistema solar.

#####

Nos próximos dias, Uriel passou a meditar, sob a orientação do companheiro. Miguel poderia ter lhe dito como fazer para cavalgar os comonzatls, mas sabia que o anjo daria mais valor para as palavras de um verdadeiro mestre. E vendo Uriel tão concentrado, sentado na posição de lótus, tentando afastar a consciência do eu, julgou que tinha procedido bem.

Mas o anjo negro, de vez em quando, dizia:

-Ah, não adianta, ide sozinho!

-Sereis punido se não cumprirdes as ordens do sub-comandante!

-Ah, uma puniçãozinha a mais não vai me matar! Adeus, vou procurar um daqueles panos! – choramingou Uriel, levantando-se e limpando os pedaços de grama que lhe grudaram no traseiro.

-Panos? Como assim?

-É. Da última vez que Fanuel me puniu, mandou-me limpar as estátuas dos heróis arcanjos do passado... todas as trezentas e quarenta e nove!

-Não! – disse Miguel firmemente. – Não ides vos safar desta tão fácil. Sentai-vos aí de novo!

Energicamente, o arcanjo sacou a espada flamejante e apontou o local da grama onde o anjo estivera sentado antes. Uriel estreitou os olhos na direção do companheiro, um tanto contrariado. Mas sentou-se novamente, pois um pouquinho de esperança ainda estava viva no seu coração. Um pouco de esperança em realizar o seu sonho de ser um arcanjo da Companhia.

Miguel, que não tinha lá muita paciência e era dado a ataques de mal humor, controlou-se e embainhou novamente a espada. Fechou os olhos e pensou: Esse vai me dar trabalho!

Às vezes tinha vontade de cortar a cabeça do anjo fora com a espada, mas tinha que cumprir ordens. Então, disse:

-Olhai... os comonzatls... – começou a explicar e rodear o anjo, que o mirava com o rabo dos olhos – eles não têm olhos, não têm ouvidos e, dizem, não têm tato ou olfato também. Isso deve estar relacionado com a propriedade que eles têm de viajar entre as estrelas!

Uriel refletiu por alguns instantes, olhando bem para o arcanjo.

-Estais querendo dizer que devo tentar eliminar minhas sensações? Fechar os olhos, tapar as orelhas e a boca?

Seria tão maravilhoso se tampásseis essa boca!, pensou o arcanjo, esperando que Uriel não percebesse os seus pensamentos.

-Sim – acabou respondendo – é o que nos aconselham no treinamento que recebemos logo após o Erhah Lalôt.

Uriel ficou em silêncio mais alguns instantes, fitando seu interlocutor. Então, finalmente indagou:

-E por que não me dissestes isso antes?

Nesse momento, realmente Miguel perdeu a paciência:

-Eu tentei, criatura!

-Quando? – indagou o anjo, com cara de bobo.

-Enquanto voávamos para a caverna de Shiemash! – gritou o arcanjo, desesperado.

-Ué! E por que não falastes afinal?

-Por que não me deixastes! Vós não paráveis de falar! Ficáveis falando tudo o que sabíeis do mestre, como se eu não soubesse, e não paráveis mais!

-Credo! Não precisais ficar assim tão alterado! – declarou Uriel.

Mas aquilo enfureceu mais ainda o arcanjo, que alçou vôo, dizendo:

-Ah! Ficais aí com vosso exercício! Já estou farto!

E sumiu no horizonte.

Calmamente, Uriel fechou novamente as pálpebras, murmurando:

-Nossa! Que cara nervoso!

#####

Miguel subiu os dezoito mil metros do Monte Honor, com uma trombeta nas mãos. Vestia uma reluzente armadura de guerra, quase cegante a olhos mortais. Sua capa vermelho sangue tremulava como uma bandeira louca. Não ia esperar por Uriel. Aquilo tinha sido uma loucura desde o início. Como poderia um mero anjo viajar entre as estrelas? Ele não tivera treinamento, não tinha conhecimento e depois... falava mais que um papagaio destrambelhado. Se ele viesse junto, por certo o enlouqueceria.

Quando chegou ao alto do monte, olhou a sua volta e sentiu a paisagem. Embora ventasse muito, aquilo era a paz consubstanciada. Sentiu-se feliz ali, longe de tudo e de todos. Ali, do alto do Honor, era difícil acreditar na existência daquelas criaturas desenvolvidas geneticamente em Kanera. Dragões, magouts, dormedrons... Então, soprou a trombeta. Um único sopro, longo e sofrido, próprio para o chamamento dos grandes pássaros estelares.

Mas, logo, sentiu a aproximação de algo que pousara ao seu lado.

-Hei, íeis partir sem mim?

Miguel tirou a trombeta da boca, assustando-se.

-Vós?

-É – disse Uriel, resoluto, - quem mais? Estou pronto!

-Estais pronto? – duvidou Miguel.

-Estou sim! – insistiu o anjo.

-Ah! E conseguistes anular vossas sensações?

-Consegui! – insistiu o anjo, demonstrando um pouco de insegurança.

Só quero ver!, pensou o arcanjo.

-Ah, é? – indagou Miguel. – E o que sentistes quando anulastes vossas sensações?

Então ele observou bem o anjo. Uriel ficou desconcertado, como se lembrasse de algo que o impressionara. E, nesse momento, Miguel percebeu que ele de fato havia conseguido o estado mental da não-localidade, o jao-mazdar, que permitia os arcanjos viajar entre as estrelas.

-O que senti? – disse Uriel. – Comecei a evaporar. Foi assustador!

Palavras corretas, pensou Miguel. Mas como é possível. Como um mero anjo poderia alcançar o estado de jao-mazdar? A menos que...

-Muito bem – disse o arcanjo, convencido. – Vireis comigo. Ide, soprai isso. Um sopro longo e suave.

Uriel apanhou a trombeta hesitante, mas não conseguiu tocá-la pois, assim que encostou a boca no instrumento, um enorme pássaro marrom pousou ao lado de Miguel, que,

no alto dos seus cinco metros de estatura, parecia diminuto ao lado do comonzatl. Na verdade, do tamanho de um dos seus pés.

-Uau! – disse o anjo, com os olhos arregalados.

-Vamos com isso! – insistiu Miguel.

Sem desgrudar os olhos do pássaro, Uriel tocou. Foi um toque diferente do arcanjo, o que era natural, visto que a nota entoada por cada um na trombeta era diferente, o que atraía um comonzatl diferente. Mas Miguel se admirou da nota produzida pelo sopro do anjo. Um tipo de nota que nunca havia ouvido antes. Algo poderoso e profundo.

Um anjo viajando dentre as estrelas. Um grande trombeteiro. Uma mente poderosa – pensou Miguel.

Logo, outro comonzatl pousou atrás de Uriel. Um ainda maior que o primeiro. E mais bonito. Um raro comonzatl cinzento, as vezes chamado comonzatl real. Uriel se virou e se admirou do pássaro. E este, como a pressenti-lo, baixou a cabeça, aproximando o bico do anjo. Uriel, admirado, o tocou. Acariciou o seu bico ligeiramente dourado, observando bem sua cabeça, sua incrível aparência, não tendo nada além das penas no lugar dos olhos. Um pássaro cego. Miguel se admirou também, não com a sua aparência, pois estava acostumado com pássaros estelares, mas com a cumplicidade que o comonzatl real logo explicitou com relação ao anjo. Miguel sabia que o pássaro não podia sentir, mas devia existir algum outro tipo de sensação, que estaria além das que conhecia.

-Muito bem, vamos montar! – declarou o arcanjo, voando para sobre o pescoço da sua montaria. Uriel fez o mesmo, excitado.

-Jao-mazdar! – gritou Miguel, batendo os calcanhares contra o pescoço do pássaro que alçou vôo com uma velocidade fulminante. Uriel fez o mesmo e, logo, estavam acendendo numa velocidade de quilômetros por segundo.

-Abandonai as sensações! – gritou Miguel, no meio do terrível deslocamento de ar.

Uriel fechou os olhos, lutando contra a vontade de ficar olhando o admirável espetáculo do chão se distanciar e do atravessar das nuvens. Logo, os átomos dos seus corpos, bem como os dos comonzatls, começaram a se desprender, deixando um rastro de matéria impressionante, como um rastro branco de fumaça estática.

Com um frio na barriga, o anjo gritou:

-lu-huuuuuuuuuu!

E, assim, após alguns poucos segundos, estavam em órbita. Uriel abriu os olhos e viu o planeta azulado de fora.

-Uau! Como é lindo! – exclamou.

-Cuidado com as sensações – advertiu Miguel.

Então Uriel percebeu que ainda segurava a trombeta. Estendeu-a ao companheiro dizendo:

-Olha a vossa trombeta.

Miguel o observou de alto a baixo, se prendendo nos detalhes. O anjo não portava armadura e não tinha espada. Trajava apenas uma túnica branca de anjo, algo extremamente frágil contra o fogo dos dragões de Kanera.

-Ficai com ela – disse Miguel, por fim. – Parece que sois um melhor trombeteiro que eu.

Uriel olhou admirado o instrumento musical, colocando-o sobre ambas as mãos. Pareceu ter adorado o presente, pois pendurou-o cuidadosamente na cintura.

-Agora vem a segunda fase do jao-mazdar – disse Miguel, batendo no lado direito do pescoço da sua montaria, fazendo-a bater as asas, enquanto virava naquela direção, orientando-o para o lado externo do sistema. Uriel o imitou e, então, passaram a se deslocar, de forma aparentemente lenta, para longe do planeta.

-Segunda fase? – indagou o anjo, sem entender.

-Sim. É preciso que durmais.

-Dormir? E perder a melhor parte?

-Como podereis atingir o pleno estado de nulidade do eu se não dormirdes? Não vos preocupai. Conduzirei vossa montaria.

-Mas não estou com sono!

Miguel olhou para o alto, mirando a Constelação de Peixes. Dai-me paciência!, pensou.

-Está bem – disse, tentando se acalmar. – Vou esperar, então, até que adormeceis. Enquanto isso... vamos admirar a paisagem.

Mas Uriel demorou a dormir. Passaram por grandes planetas, embalados pelo suave bater de asas dos comonzatls. Planetas coloridos e com anéis, abarrotados de satélites. Depois de um longo tempo, as pálpebras do anjo negro somente se fecharam quando estavam praticamente fora do sistema. O arcanjo suspirou aliviado. Aliviado porque o companheiro adormecera, mas também porque ele não se lembrara de tentar respirar no vácuo. Estava tão entretido com os astros e com a imensidão do espaço negro que nem se lembrara que não estava respirando. Se sua mente se prendesse a isso, teriam que voltar. Mas não devia perder tempo com pensamentos. Foi, então, assim que Miguel tocou o comonzatl real e fechou os próprios olhos.

#####

-Acordai, Uriel!

Abriu as pálpebras assustado, com a voz de Miguel ainda ecoando em sua mente. Olhou a sua volta. Estava perto de um planeta estarrecidamente lindo. A primeira coisa que lhe veio na mente ao vê-lo, foi uma idéia de feminilidade. Era, em parte azul, onde havia o oceano, ele sabia. A outra parte era branca. Nuvens e gelo. Era como uma ondina, parcamente vestida com um fino tecido branco. Esse planeta deve ter algum nome feminino, pensou. É claro! Micropella! Então, lembrou-se da missão, e de onde devia estar.

Virou-se para o companheiro e se preocupou. Miguel ainda montava o seu comonzatl, mas estava desfigurado, como se tivesse visto, diante de si, Mosdarioth, o Demônio da Não-Existência.

-O que foi? – indagou para o arcanjo.

Este demorou para responder, sem desgrudar os olhos do planeta.

-Não ouvis, não é? – indagou Miguel, sombrio.

-Ouvir o que?

-Gritos...

Uriel apurou os ouvidos o mais que podia. Não tinha problema fazer isso agora, já tinham chegado ao destino. Demorou alguns instantes, mas também ouviu. Em princípio, um sussurro, algo que dir-se-ia um sopro distante. Mas, depois, enquanto o seu ouvido aprendia a ouvir aquilo, escutou. E antes não o tivesse escutado. Eram gritos de dor e agonia. Lamentos carregados de súplicas. Gemidos agonizantes, apavorantes.

-O que é isso? – indagou.

Miguel percebeu que o anjo também ouvia. Então, explicou, ainda sombrio:

-Gritos de dor e medo. Proto-neanderthals e proto-humanos. Não compreendem os vieses da natureza. Sofrem morrendo por doenças ou pelo ataque de feras... Mentas primitivas na escuridão da ignorância, na aurora da humanidade, implorando por clemência para os deuses...

Imploram por nós... , pensou Uriel, meio que afirmando, meio que perguntando a si mesmo. Pobres espíritos, cuja única ascensão possível é pelo sofrimento!

Mas, antes que o seu coração astral se transformasse em algo puído e murcho, Miguel recuperou-se do torpor.

-Não devemos ouvir isso, Uriel. Devemos cumprir nossa missão! – disse.

E, para desviar a atenção do anjo, que agora ficara quase hipnotizado pelos lamentos, adicionou, ficando ereto sobre o dorso da sua montaria, prendendo os pés entre as penas, para que a falta de gravidade não o levasse longe:

-Agora vamos descer. E vai ser à moda antiga.

-Como?

-Vamos nos atirar para baixo, em queda livre!

-Parece divertido – brincou o anjo, voltando a sorrir, subindo também sobre o seu comonzatl.

-Olhai – explicou o arcanjo, - quando penetrarmos na atmosfera, devemos reverter o processo. Procurai sentir a pressão do ar sobre vós. Procurai cheirar, ver, ouvir. Isso fará com que átomos de carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio conformem as células de um novo corpo físico.

Uriel ouvia atentamente, com a boca um pouco aberta, revelando uma pitada de medo.

-Mas quando isso começar a acontecer – continuou Miguel, - sereis puxado para baixo não somente pela vossa própria mente, mas também pela gravidade material. Portanto, cuidado com a aterrissagem!

Uriel arregalou os olhos. Aquilo cheirava coisa doida.

-E não vos preocupai com o fogo. É normal na velocidade que desceremos!

-Fogo? – indagou um assustado Uriel. – Que fogo?

Mas, antes mesmo que tivesse terminado de perguntar, Miguel, com um belo tapa das costas, arremessou-o para baixo, mergulhando também em seguida.

Uriel desceu urrando. Sua boca, aberta. Seus braços e pernas, também abertos. A trombeta batendo violentamente contra o seu flanco, enquanto era sacudida, presa em sua cintura. Seu rosto, contorcendo-se quando começou o atrito. Uma maneira completamente deselegante de um anjo pousar num planeta.

Então, veio o fogo. Uriel sentiu suas roupas em chamas. Depois foi a vez de suas asas e sua própria pele. É claro que se assustou e gritou mais ainda, enquanto atravessava as primeiras nuvens, deixando um rastro de fogo e fumaça por quilômetros.

Foi somente depois de alguns segundos de desespero no meio do fogo que se lembrou que era um anjo e que poderia reconstituir seu corpo físico pelo poder da mente. Assim, tratou de trabalhar na sua reparação e manutenção. Mas isso o distraiu. Assim, percebeu que estava muito próximo do chão tarde demais. Quando viu uma imensidão branca bem diante de sua face, tentou refrear a queda, batendo as asas desesperadamente. Mas, como foi dito, era tarde demais. Consequentemente, afundou dezenas de metros na neve, ainda gritando, deixando atrás de si um considerável túnel.

Miguel pousou suavemente logo por ali, mal conseguindo conter o riso.

-Há, foi o pouso mais atrapalhado que já vi! Há, há, há, há!

Dali a pouco Uriel apareceu na toca do túnel, engatinhando, entre uma espessa nuvem de fumaça.

-E qual é a graça? – indagou ele, quando sua cabeça emergiu, colocando ambas as mãos sob o queixo materializado.

#####

Imediatamente, passaram a procurar os dragões. Miguel decidira iniciar a busca tentando encontrar o local onde pousaram no planeta. Procurariam, então, vestígios de pouso de alguma nave. Mas eles encontrariam bem mais que isso.

Escolheram uma direção e voaram. Miguel parecia ter algum instinto sobre o local de pouso, pois parecia decidido sobre qual direção tomar. Uriel apenas o acompanhou. Depois de algum tempo, encontraram pegadas humanas na neve. Então, passaram a andar, sendo que Miguel decidira acompanhar as pegadas ao contrário, ou seja, estava mais interessado em saber de onde vieram do que para onde foram. E, é claro, Uriel não parava de falar:

-Esse planeta é coberto de gelo?

-Acho que está numa era glacial, Uriel. Mas não é totalmente coberto com gelo. Não viste o mar azul lá de cima?

-Ah, é! Isso me faz lembrar de uma vez em que Gabriel...

-Gabriel de novo? – protestou Miguel. – Desde que começamos a procurar, não parais de falar em Gabriel!

-O que que eu posso fazer se o cara é bom? – tentou explicar Uriel. – Sabeis, teve uma vez em que ele estava num planeta coberto de gelo e precisava procurar um objeto desse tamanho, ó! – e mostrou a palma da sua mão voltada para cima na forma de concha. – E sabeis o que ele fez?

- Eu sei lá! – exclamou Miguel, já impaciente.

- Ele apanhou a chave dele e mergulhou-a na neve. Ela começou a vibrar. Ele fechou os olhos e abriu a mente e sentiu as vibrações. E sabeis o que aconteceu?

Miguel já olhava para cima, com o rabo dos olhos. Durante um segundo, ficou a imaginar o que responderia. Se dissesse que sim, talvez Uriel quisesse que ele dissesse o que aconteceu e duvidaria e queria saber de onde ele teria obtido aquela informação e etc e etc, e a conversa se prolongaria por horas. Então respondeu, secamente:

-Não.

-Ele localizou o objeto, é claro!

Miguel continuou andando, espirrando neve com os pés, esperando que aquela fosse a última narrativa dos feitos de Gabriel do dia. Mas Uriel não parecia satisfeito, pois continuou:

-E isso sem contar aquela vez em que Gabriel promoveu a paz entre os Teiotes e os Masraqueus!

-Todo mundo conhece essa história, Uriel.

-Sim! Mas foi um grande feito! Eles estiveram em guerra por meio eon¹! Então, dessa vez, Gabriel...

-Olhai, Uriel! – exclamou o arcanjo, feliz da vida por poder interromper o companheiro.

Apontou a frete. Havia um grande objeto negro à distância. Parecia uma grande rocha saindo dentre a neve, mas Miguel sabia que era algo mais que isso. Então, rapidamente, alçou vôo. Uriel foi atrás.

Pousaram nas proximidades do objeto. Agora, dessa distância de poucos metros, era óbvio que aquilo não era uma rocha, mas um cargueiro interestelar, parcialmente enterrado na neve, parcialmente destruído.

-Uau! – exclamou Uriel. – O que aconteceu com ele?

-Obviamente não tentou pousar aqui – respondeu Miguel examinando o casco externo da nave. – Esse tipo de cargueiro não foi feito para aterrissar num planeta. Ele deveria lançar os dragões em cápsulas.

-Ele se acidentou?

-Não, olhai – respondeu Miguel, apontando para um enorme orifício no casco escuro, - foi abatido.

-Abatido? Como? Este é um planeta primitivo!

-A Companhia deve ter instalado um canhão phaser na lua do planeta.

-Como sabeis disso? – indagou Uriel, estranhando.

-É um procedimento padrão, Uriel, adotado pela Companhia, no caso de planetas em que seres sencientes iniciam o seu estágio de desenvolvimento. Vamos, Uriel, vamos entrar!

Então, com o poder de suas mentes, diminuíram de tamanho e penetraram a nave em destroços. Procuraram por sinais de sobreviventes. Encontraram corpos humanos, mas também de dragões. Ao todo, cinco dragões pereceram na queda da nave. “Melhor”, pensou Miguel, “só preciso ir atrás de sete!”. Ele observou bem quais dragões eram aqueles. Daqueles que ali pereceram havia um albino, um dourado, um anfíbio, um verde e um dragão bronze salamandrino. Tal constatação lhe confirmou uma suspeita: trouxeram um de cada uma das doze espécies comuns. Então, já sabia quais seriam os dragões que deveria enfrentar, aqueles que sobreviveram. Um pensamento reconfortador esse, se não fosse um detalhe: aqueles que pereceram ali eram os mais “fáceis”. É claro que eram os mais frágeis e seriam aqueles que se esperaria que não sobrevivessem a uma queda daquelas, mas isso indicava que o fato de terem que enfrentar “apenas” sete dragões de Kanera, ao invés de doze, não era uma tarefa significativamente mais fácil.

¹ Para os arcanjos, um eon corresponde ao tempo em que a galáxia, no seu movimento de rotação, completa uma volta, ou seja, aproximadamente 100.000 anos.

-Cara, isso está uma bagunça! – concluiu Uriel, após examinar o interior semi-arruinado da nave.

Miguel, então, passou a acionar alguns comandos num painel que ainda funcionava, quando encontraram a ponte de comando, ou o que restou dela.

-O que estais a fazer? – indagou o anjo negro.

-Acionando o mecanismo de auto-destruição.

-Ué! E precisa?

-Não queremos que homens primitivos encontrem isso aqui. Não sabemos que efeito teria sobre a sua cultura.

Uriel pensou bem e chegou à conclusão que aquilo tinha algum sentido. Mas Miguel não foi completamente sincero. Ele sabia que a explosão que se daria atrairia os dragões que, nesse momento, deveriam estar se dirigindo às regiões habitadas do planeta.

Então, se afastaram da nave. Alguns minutos depois, viram o cogumelo atômico elevando-se por trás de algumas colinas. Depois, Miguel concluiu:

-Bem, vamos passar aqui esta noite. Amanhã vamos procurar os dragões.

-Está bem! – disse Uriel, animado. – Vou fazer uma fogueira!

Então, o anjo se concentrou e, logo, um imenso fogaréu se elevou entre os dois.

-Belo fogo, Uriel! – elogiou o arcanjo.

Sentaram-se. Miguel retirou a espada flamejante do cinto e espetou-a na neve, uma posição que permitiria um ataque mais rápido, caso fosse necessário.

O arcanjo imaginava que se colocaria na posição de lótus para meditar e ampliar sua percepção mental para sons e vibrações, mas, é claro, Uriel não deixou ele se concentrar:

-Já vos contei o que Gabriel fez uma vez com uma trombeta, diante das muralhas de Kastorual? – indagou o anjo, animado para começar uma longa história, acariciando sua trombeta.

Foi quando Miguel ouviu um rugido. E Uriel pareceu ter ouvido também, pois se sobressaltou e indagou, um pouco assustado:

-O que foi isso?

E Miguel conhecia aquele rugido muito bem. Era um “chama longa”, um dragão cinzento, também chamado “dragão de pedra”, devido à sua couraça. O arcanjo sabia que estava próximo. Pelo rugido, estava a cem metros atrás de Uriel, atrás de uma depressão. Mas não podia revelar isso ao anjo. Conhecia as manhas do dragão. Ele era paciente. Esperaria até que um deles tivesse o medo no coração, então atacaria. Assim, não podia sobressaltar o anjo. Então, respondeu:

-Ah, é um tigre de dente de sabre, com certeza. Deve estar caçando por aí, ao crepúsculo!

-Deve ser bonito! – exclamou o anjo. – Vamos vê-lo?

-E a história da trombeta?

-Ah, sim! – disse Uriel, voltando o foco de sua mente para a história. Então, ele ia começar a contá-la, mas, para deixar o coração do anjo muito distante do medo, Miguel decidiu brincar com ele. O dragão já estava a oitenta metros.

-Uriel – interrompeu o anjo, - por acaso não fostes nomeado meu escudeiro?

-Sim, isso é certo – respondeu, sem saber onde o arcanjo queria chegar. O dragão estava a sessenta metros.

-E onde está o escudo?

-Escudo? Que escudo? – o anjo arregalou os olhos. O intenso branco de seu globo ocular contrastava drasticamente contra a sua pele escura.

O dragão, silencioso como as pedras, estava agora a quarenta metros. Já era noite.

-Como poderei enfrentar os dragões sem escudo? – indagou Miguel, tentando embaraçar o anjo de propósito.

-Eu tinha que trazer um escudo?

Miguel olhou bem para o anjo, sem nada responder. O dragão parou a vinte metros, a distância que poderia ser atingida pelas suas chamas.

-Mas eu não sabia... – disse Uriel, embaraçado.

Estando Uriel nesse estado mental, Miguel sabia que o dragão poderia atacar.

-Liga não, Uriel. Amanhã vamos construir um escudo.

Foi quando os olhos do dragão se abriram, exalando aquela luz amarelada, destacando-se dentre a sua pele, que estava escondida pela escuridão da noite. É claro que isso era um sinal bastante claro que ele iria atacar, consumindo o anjo com a sua chama longa. Mas Miguel tinha meio segundo. O suficiente para apanhar a sua espada, que o esperava, fincada na neve, voar até o monstro, e decepar-lhe a cabeça.

Quando Uriel deu-se por si, Miguel já erguia a cabeça do animal salamândrico, pingando um líquido vermelho escuro da parte em que fora separado do corpo. 913, pensou o arcanjo.

Ao ver aquilo, Uriel se encolheu e deu um grito:

-Credo! Um dragão!

-Agora restam seis – concluiu Miguel.

-Estava atrás de mim o tempo todo e eu não percebi! – admirou-se o anjo.

-Vossa mente estava distraída, Uriel – explicou o arcanjo.

Mas Miguel observou que o companheiro não deu a devida importância ao que vira. Obviamente ele nem tinha consciência do perigo que havia corrido. Ao invés, ele estava intrigado com alguma outra coisa:

-Dizei-me, Miguel... Por que precisamos de escudo? Isto é... sou um anjo e vós um arcanjo e o fogo não pode nos fazer mal. Isto é... pode torrar nosso corpo material, mas nossa mente pode rapidamente reconstituí-lo, então... pra que escudo?

Miguel depositou lentamente a cabeça do dragão no chão. Olhou para o anjo quase sem acreditar no fato de que ele não sabia nada sobre os Senhores de Kanera.

-Esses dragões, Uriel, foram engendrados geneticamente pelos Senhores de Kanera. Eles podem manipular a substância astral. Então, o fogo que eles exalam não é um fogo qualquer.

-E o que acontece se um fogo desses nos atingir?

-Esse fogo não consome apenas o corpo, Uriel, mas também a alma. Se as chamas de um dragão de Kanera vos atingir, então sereis desintegrado. Verdadeiramente desintegrado, quero dizer. Vagarias eternamente pelas estereis pradarias da não-existência!

Miguel disse aquilo com um tom sombrio.

Uriel, então, ficou branco, e gaguejou:

-Então... quer dizer que... esse dragão aí... que fungou no meu cangote... ele... ele... – e desmaiou.

Miguel olhou bem para o anjo caído, desfalecido na neve e sorriu. Finalmente teria um pouco de paz.

#####

A paz, contudo, não veio tão fácil. Miguel mal pode dormir e sonhar, apesar de não ter pregado os olhos desde que saíra da sede. Pois Uriel balbuciou a noite toda. E não foi um balbuciar qualquer, mas escandaloso. Sonhara e ria, ria, ria. Às vezes gritava. Gritos de excitação. E Miguel sabia o que era aquilo. Já sentira também, principalmente nas primeiras viagens estelares. Para que pudessem se manifestar não-localmente, saltando de um sistema solar ao outro, era necessário perder a consciência. Contudo, depois de chegar ao destino, o arcanjo viajante, quando dorme, é acometido por lembranças da viagem. Vêm, na mente, as visões das estrelas passando, riscando o espaço sideral como se fossem cometas. A imagem mais linda e arrebatadora que um ser poderia experimentar em sua diáfana existência.

Assim, ao invés de Miguel esconjurar o companheiro que não o deixava descansar, sorriu, pois sabia o que ele experimentava.

Na manhã seguinte, partiram para o sul, em direção de onde Miguel sentiu que estaria a floresta mais próxima. Disse a Uriel que iam para lá para confeccionar um escudo, mas havia outro motivo: sentia que lá havia outro dragão.

-Procurai uma árvore de tronco bem grande, de forma que a sua curvatura corresponda mais ou menos a de um escudo arquiangelical – explicou o arcanjo. – Alguma de onde podemos retirar um pedaço da casca. Um pedaço grosso.

Uriel começou a procurar, mas não demorou muito a achar. As árvores ali eram enormes, escuras e antigas.

-Vamos arrancar um pedaço – Miguel, então, sacou a espada e simplesmente encostou-a na casca da árvore, mas o poder de sua arma a cortou como um maçarico. Assim, pode se dar ao luxo de cortar um pedaço com um formato requintado de escudo, reto na parte de cima, com duas reentrâncias com formato circular nos cantos superiores e a parte inferior na forma de ponta de espada.

-Pronto! – exclamou o arcanjo. – Agora vamos procurar outra para vós.

-Não acredito que isso vai impedir as chamadas dos dragões! – reclamou Uriel, preocupado.

-É claro! Ainda não. Temos que consagrar os escudos ainda.

-Consagrar? – indagou o anjo, com cara de bobo.

-É claro!

Depois Uriel passou a relembrar os estudos que fizera a respeito dos arcanjos e viu sentido nas palavras do companheiro. Foi quando perceberam algo. Algo passara a alguns metros, na borda da floresta. Algo rápido que não conseguiram ver.

-O que foi isso? – perguntou Uriel.

Miguel segurou firme a espada. Sabia o que era e não gostou nada daquilo. Uma criatura rápida e artilosa. Inteligente e oculta: um dragão-camaleão, isso era certo.

-Ficai aqui, entre as árvores, Uriel – ordenou o arcanjo, caminhando cuidadosamente para a borda da floresta. Ele sabia que o dragão estava lá, no descampado, sobre a neve cegante, planejando o seu ataque.

Então, ainda a caminhar, com a espada em riste, segura com ambas as mãos, fechou os olhos. Sabia que não poderia ver aquele dragão, que era hábil em mudar a cor do seu couro igualando-a à da paisagem e alterá-la dinamicamente enquanto andava ou voava, tornando-se invisível. Não poderia procurá-lo com os olhos, não porque era impossível percebê-lo visualmente - poderia fazê-lo observando distorções na paisagem - mas porque sabia que, quando ele voltava à sua cor natural, o brilho prateado reluzente de seu couro refletiria tanta luz que o cegaria. Era assim que o dragão-camaleão estonteava as suas vítimas.

Miguel então se posicionou no descampado, com ambos os pés firmemente plantados no chão, afundados na neve. Esperaria com a espada em riste. Conhecia essa espécie de dragão muito bem, bem como todos os outros. Já havia matado alguns desses e sabia que era a única maneira de enfrentá-lo. Somente esperava que aquilo não durasse o dia todo. Se o dragão desconfiasse de quem estava lidando, poderia esperar indefinidamente, até que encontrasse uma oportunidade. Enquanto isso, os demais já estariam atacando as tribos humanas.

A maior dificuldade com os dragões-camaleão, contudo, não era sentir onde eles estavam. Um arcanjo bem treinado poderia fazer isso com certa facilidade. O mais difícil era acertar o pescoço ou a cabeça. Esse era o maior problema pois, sabia, não se pode espetar um dragão na barriga, ou procurar o coração, pois poderia ser eletrocutado astralmente.

Estão esperou.

Contudo, não contava com uma coisa: Uriel não conteve a curiosidade e saiu da floresta. Imaginava-se seguro, pois não havia dragão à vista. Imediatamente, Miguel sentiu que o dragão iniciou um movimento sutil, mas rápido, em direção ao anjo. Tinha que ser rápido agora.

“Pensa rápido, matador”, pensou.

Então, gritou:

-Uriel, a trombeta, rápido!

Foi só nesse momento que o anjo percebeu que estava em perigo. Miguel bateu as asas, iniciando uma rota de interceptação. Mas tinha que acertar o pescoço, era a única chance de Uriel.

O anjo negro, tremendo e completamente desajeitado, tirou a trombeta da cintura, quase a derrubando no chão. Tocou-a o mais rápido que pôde. Mas o dragão já estava em cima, e as chamas já haviam sido lançadas.

Porém, a idéia de Miguel deu certo. O sopro da trombeta fez com que uma quantidade imensa de neve se projetasse às alturas. O dragão atravessou essa espessa nuvem e neve ficou impregnada no seu corpo. Então, Miguel localizou o pescoço e baixou a sua lâmina, dividindo-o em dois. Tudo isso aconteceu em um ou dois segundos.

Depois, pousou um pouco adiante. Mas, ao virar-se, virou Uriel consumindo-se nas chamas, gritando de dor e desespero.

Não havia o que pensar. Se não agisse, o companheiro passearia nas pradarias da não-existência. Assim, abandonou a espada e mergulhou no fogo que consumia o anjo.

Agarrou-o pelos ombros, tomando cuidado para não arrancar-lhe os braços e lutando contra a própria dor, pois passou também a ser consumido.

-A mente, Uriel, a mente! – passou a gritar, tentando não ligar para as chamas. – Está tudo na mente!

Mas o anjo não parava de gritar e espernear. Seus pés já haviam se desintegrado, bem como parte das mãos.

-Ordena vossa mente, Uriel. O fogo não é material! Está em vossa mente! Lembrai-vos das palavras de Gabriel, anjo: Por mais desesperadora que seja a situação, por mais cruel que seja a vida, por mais sós que nos sintamos, por mais abandonados que estivermos, mantém a mente limpa e ordenada, mantém a paz no coração, pois é a mente correta que ordena o mundo, e constrói o futuro melhor!

O desespero de Uriel era incomensurável. A perspectiva da dissolução total da alma, da morte absoluta é incompreensível para os humanos. Mas, aquelas eram as palavras sagradas, entregues a Gabriel pelo próprio Senhor da Luz, que foram entoadas pelo arcanjo diante de uma multidão de desesperados, quando o planeta Eldhor foi arrasado por uma hecatombe nuclear. Assim, conforme Miguel recitava as palavras de Gabriel, o anjo parecia reagir de alguma maneira. As contorções e gritos abrandaram-se e o seu coração, vagarosamente, encontrou novamente a paz. Então, enquanto Miguel repetia aquelas palavras, o fogo foi se apagando, até que Uriel passou a entoá-las em uníssono, até que todo o planeta reverberasse aquelas palavras.

Assim, o fogo se extinguiu e, lentamente, o anjo conseguiu reconstituir as suas mãos e pés, até que desmaiasse novamente.

#####

-Vamos, segurai a casca na vertical – solicitou Miguel.

Uriel assim o fez: segurou o pedaço de casca com ambas as mãos, tendo os braços esticados. Já estava recuperado das chamas do dragão-camaleão e quase voltara ao estado de tagarelice aguda.

-Lembrai-vos do Primeiro Cântico de Consagração? – indagou o arcanjo.

-Claro! – respondeu Uriel. – Só não sabia que era aplicável a uma mera casca de árvore!

-É aplicável a tudo, Uriel. Qualquer objeto pode se tornar sagrado. Depende da fé!

-Tá bom... se sois vós que estais dizendo... – respondeu o anjo, demonstrando um certo arrependimento por ter vindo.

Miguel o perscrutou de cima a baixo. Estaria ele com medo de enfrentar os outros dragões?

-Está bem, vou unir as mãos e ordenar a mente.

Então Miguel assim o fez, voltado para o objeto que o anjo segurava, a uns três metros de distância. E passou a entoar, sendo acompanhado por Uriel:

A esse objeto peço a consagração

Que o espírito do bem e da justiça se impregnem em sua matéria

Que a bondade e o propósito de Aaor Surya, o Senhor da Luz,

O impregnem.

Que a proteção que a missão dos arcanjos exerce

Se concentre nesse escudo

Para que nenhum mal o atravesse!

Enquanto as vozes dos dois reverberavam, o escudo foi mudando de consistência, provocando uma espécie de formigamento nas mãos de Uriel. Sua escura cor original passou a ficar cinzenta. A forma irregular de sua superfície se alisou e ficou brilhante, ao mesmo tempo em que o símbolo do Senhor da Luz se desenhava em baixo relevo: um ramo de palmeira.

No final, Uriel se admirou:

-Uau! Carbonarium!

Ele se referia ao material que o escudo se transubstanciara. Uma liga carbônica de madeira, grafite e diamante. Inquebrantável, intransponível.

Já Miguel se admirara de outra coisa: o som que ambos produziram. Nunca ouvira um timbre como aquele. E havia poder naquilo.

-Por que vos espantais? – indagou Miguel, abrindo os braços. – Absolutamente tudo o que nos rodeia, os objetos, a vida, os fenômenos... não é tudo fruto da mente?

Uriel o sabia e, segurando o escudo na mão, ficou imaginando se não poderiam fazer também uma espada flamejante. Alguma que ele pudesse manipular. Mas depois pensou melhor: não havia sido feito para aquilo. Seria completamente desajeitado se segurasse uma espada arquiangelical. Poderia até fender ao meio a si mesmo.

-Agora vamos fazer outro para vós! – declarou Miguel, um tanto decidido.

Uriel ficou lisonjeado. Um escudo só para ele. Depois pensou melhor e ficou preocupado: Se Miguel está preocupado em me dar um escudo é porque o que vem por aí não vai ser fácil! Depois se perguntou o que é que estava fazendo ali, para então concluir: É. Vida de arcanjo é fogo!

#####

Assim, com os escudos presos às costas, voaram para o sul. Percorreram cerca de mil quilômetros até que Miguel pousou. Uriel pousou atrás e o observou: Estava concentrado, olhando para o nada, como se apurasse os ouvidos.

Uriel não podia imaginar, mas Miguel sentia os dragões. Quatro deles. Três haviam seguido, juntos, para oeste, na direção em que o arcanjo pressentia almas humanas. O outro continuava para o sul. Miguel não conseguia distinguir ao certo a que espécies pertenciam

aqueles que foram para oeste, mas parecia que havia um esmeralda entre eles. Mas o que se dirigiu ao sul, este Miguel podia sentir muito bem: era um dragão sinistro.

Teria que decidir que caminho tomar. Os três dragões dirigiam-se para regiões habitadas, mas Miguel estava inclinado a rumar para o sul. O dragão negro, de longe, era mais difícil de ser enfrentado e, seguramente, poderia causar mais estragos na nascente humanidade deste planeta do que os outros três juntos. Não que ele poderia causar mais mortes. Não. As chamas dos dragões negros são as mais fracas. O seu verdadeiro poder residia em outro campo. Um campo mais perigoso: o da corrupção da alma. Aliado a isso, quase havia sucumbido duas vezes diante de dragões daquela espécie.

-Vamos para o sul, Uriel – decidiu o arcanjo.

O anjo negro deu de ombros. Por que deveria ter uma direção preferencial para ir?

Assim, prosseguiram e, no final do dia, já estavam próximos do dragão. Não o haviam avistado ainda, mas Miguel sabia que ele também já os havia pressentido. Então parou, pois sabia que o animal sinistro o caçaria.

-Uriel, preciso vos pedir uma coisa... – declarou o arcanjo matador.

-Ué, desembucha logo!

-Se eu agir estranhamente... acertai-me com o vosso escudo!

-Estais a brincar? – indagou um incrédulo Uriel.

-O dragão que estamos prestes a enfrentar... ele... ele age de uma maneira diferente dos demais – explicou sinistramente Miguel. – Ele pode corromper as nossas almas, entendeis?

-Não estou entendendo nadinha! – gritou o anjo, espantado. – Mas essa conversa está me assustando!

Mas não deu tempo para Miguel explicar mais. Repentinamente, o arcanjo foi tomado por pensamentos funestos: imaginou-se estrangulando uma criancinha. Ao mesmo tempo, o dragão pousou pesadamente vinte metros adiante, às costas do arcanjo, com o seu couro negro contrastando contra a alva neve, sem medo de ser visto.

Uriel, sem gostar nada daquilo, muito menos do rosto ameaçador do dragão, observando que Miguel não se mexia, abandonado em seus pensamentos, passou a cutucar Miguel com o dedo batendo-lhe no ombro:

-Miguel, Miguel, olhai! Esse aí tem cara de mau!

Mas Miguel ainda lutava contra os pensamentos, absorto, e Uriel percebeu que o dragão enchia os pulmões, inalando grande quantidade de ar.

-Bem que eu disse! Vida de arcanjo é fogo! – gritou o anjo negro, ao mesmo tempo tirando o escudo das costas, colocando-o entre eles e a labareda que se projetou da boca do monstro por segundos e segundos a fio.

Assim, tremendo e segurando o escudo, com os olhos fechados, que fendia a vigorosa chama em duas, até ficar enegrecido, Uriel recitava, protegendo o companheiro:

-Ai, ai, ai, ai!

Então, a chama parou. O dragão, inconformado, passou a balançar a cabeça de um lado para o outro, emitindo um grunhido e torcendo o pescoço, provavelmente procurando o lado mais oportuno para outro ataque. E foi nesse instante que Uriel ficou furioso com o companheiro, que parecia sonhar. Assim, enquanto o dragão recuperava o fôlego, dentro de meros instantes, pegou o escudo com raiva e acertou a cabeça do companheiro, gritando:

-E isso é hora de dormir! Acordai e ide trabalhar!

O impacto jogou Miguel no chão, mas o acordou. Ele sacudiu a cabeça, espalhando neve em volta, enquanto o dragão sinistro os rodeava, prestes a lançar outra cuspida ígnea.

Miguel olhou para cima e viu o dragão se aproximando de cabeça para baixo. Depois o viu cuspir, mas tudo ficou negro. Foi somente depois de um segundo que percebeu o que havia acontecido: Uriel havia novamente interposto o escudo diante das chamas. O arcanjo, então, olhou para o companheiro, perguntando-se como ele poderia ser imune aos maus pensamentos emitidos pelo monstro. Seria sua alma tão pura ou seu ser tão estúpido?, pensou. Então, teve uma idéia:

-Seu estúpido anjo de uma figa! Como ousais me bater? – gritou para Uriel.

Este não entendeu nada, mas zangou-se, agindo de acordo com os planos de Miguel.

-Quereis outra cacetada? – indagou, furioso. – Falais assim por que sou um mero anjo? Que pensais?

-Vós sois um mero anjo que não vale nada! – declarou com ênfase o arcanjo.

-Hei! Olhai o que falais!

O dragão estava prestes a lançar as chamas definitivas, mas Miguel observou que sua idéia dera certo. O lagarto sinistro havia penetrado na mente do anjo, que estava enfurecido. Era agora ou nunca.

Uriel segurou o escudo com toda a força, erguendo-o, louco da vida. Ao mesmo tempo em que insinuou esmagar a cabeça de Miguel com o objeto mágico, ficou exposto ao ataque do dragão. Este foi rápido, mas não o suficiente pois, mesmo antes de lançar as chamas, Miguel rolou na neve e se pôs no ar como numa explosão de flocos de neve, decepando a medonha cabeça negra.

Assim, enquanto Uriel baixava o escudo no nada, mergulhando de cabeça na neve, a cabeça do dragão sinistro caía no chão, com o corpo ainda a se contorcer e o pescoço se desfazer numa formidável explosão de fogo e fumaça.

Miguel se agachou, para se proteger, mas sentiu algumas fagulhas lhe furarem a armadura nas costas. Mas nada que não conseguisse reparar com o poder da mente. Olhou para trás, antes mesmo de se levantar e viu Uriel rolando no chão, coberto de neve.

-O que aconteceu? – indagou ele, desorientado.

Miguel percebeu que ele havia agido inconscientemente e somente agora despertava. Aproximou-se do anjo e respondeu, agachando-se para se aproximar do seu rosto:

-Quase me matastes...

Uriel o olhou espantado:

-Eu?

-Sim – disse Miguel, sorrindo, – mas me salvastes a vida!

#####

O Matador sabia que não poderiam perder tempo. Assim, rumaram voando incontinenti para o oeste. Enquanto voava, abria a sua mente e ouvia os lamentos dos proto-humanos. Já era tarde: os três dragões já haviam feitos vítimas. Ouvia aqueles hominídeos gritando, sem entender o que eram aquelas criaturas que os devoravam. Sentia outros correndo desesperados, tentando escapar. Alguns conseguindo, outros não. Quando pousaram é que tiveram plena consciência do estrago: por uma imensa planície, pedaços de corpos hominídeos semi-carbonizados espalhados por milhares de quilômetros quadrados. Outros, mãos, pés e cabeças pareciam emergir, parcialmente cobertos de neve, de uma espessa camada de gelo que se formara a partir de neve derretida. Mais adiante, a uns trezentos metros de distância, um dragão marrom ainda devorava alguns corpos. Um dragão herbívoro comendo carne e ossos. Um espírito degenerado. Parecia calmo. Parecia comer sossegadamente, de barriga cheia. Mas Miguel sabia que as aparências enganam. O dragão sabia que ele estava ali, e atacaria na primeira oportunidade.

Mas sua atenção não pôde ficar presa muito tempo ao dragão. A alguns passos de si, um grupo de hominídeos o olhava aterrorizado. Eram em três. Estavam abraçados e tremendo, olhando para ele e Uriel, temendo por suas vidas. Apavorados e sem entender o que acontecia. Eles eram algo entre o homem e o macaco. Pobres almas primitivas. Miguel, então, sentiu a culpa invadindo a sua alma. Havia feito uma opção. Escolhera enfrentar primeiro o dragão negro, mesmo sabendo que proto-humanos seriam devorados. Todos aqueles corpos ali... a culpa era sua. Mas sua tetravisão havia lhe mostrado quais seriam as conseqüências de deixar o dragão negro para depois: ele implantaria o mal na mente dos primitivos. Então tivera que escolher.

Isso, contudo, não apaziguava o seu coração. Não apaziguava a sua dor e a sua culpa. Mas essa era a dor dos arcanjos. Sempre tendo que escolher. Sempre tendo que decidir quem

pereceria ou não. Diante de tantos pedidos de súplicas, espalhadas pela galáxia, o arcanjo deve escolher quem ajudar primeiro e, depois, não se regozijar por aqueles que auxiliou, mas sofrer por aqueles que sucumbiram.

Mas Uriel percebeu o quão sombrios eram os pensamentos do companheiro. Então, deu-lhe um soco bem doído no seu ombro, para tirá-lo daquele círculo.

-Hei! – gritou o arcanjo. – Ide socar o verbo que te criou!

-Prestai atenção, matador! O inimigo está lá adiante! – bradou o anjo negro, apontando para o dragão.

De fato, o dragão marrom já os encarava com cara de poucos amigos, ainda mastigando corpos.

Mas Miguel se preocupou com outra coisa: onde estariam os dois outros dragões que pressentira nessa região?

Mas não teve que esperar muito até obter a resposta, pois um formidável dragão esmeralda e um aterrorizador dragão rosa pousaram próximos. Ao mesmo tempo, o marrom correu e se aproximou deles, de forma que foram cercados. Os dragões mantiveram um círculo de cerca de dez metros em torno dos anjos, tendo-os no centro. Instintivamente eles deram-se as costas, emaranhando as suas asas. Uriel berrou, com os olhos esbugalhados:

-E agora? Qual é o plano?

-Estou pensando... – balbuciou Miguel, enquanto os dragões os circulavam, ao mesmo tempo temerosos e ávidos pelo iminente embate.

-Estais a pensar? – alarmou-se Uriel, com uma careta. – Pois pensais logo, não quero escurecer ainda mais a minha pele!

-Pegai vosso escudo, Uriel – disse Miguel, procurando ficar calmo.

Assim, ambos apanharam os seus escudos e procuraram posicioná-los contra os dragões. Mas eram três lagartos alados, e os escudos somente os protegeriam parcamente de dois.

-E agora? – indagou novamente o anjo, alarmado.

-Usai vossa tetravisão, Uriel. Procurai alguma estratégia!

-E pensais que já não fiz isso? Mas sempre que olho para o continuum, sempre vejo o mesmo final: se fizermos isso, anjo assado no final; se fizermos aquilo, anjo frito; se fizermos aquilo outro, anjo tostado; e aquilo outro ainda, churrasco de anjo!

-Ouvi, Uriel: vou tomar a minha espada e arremessá-la contra o marrom. Mas isso vai fazer com que os outros lancem suas chamas. Sustentai o vosso escudo. Protegei a cabeça e o tronco. Nossas pernas e asas ficarão chamuscadas. Usai vossa mente. Entendestes? Estais preparado?

Os dragões já pareciam impacientes e atacariam dentro de instantes.

-Preparado? É claro que não! Eu jamais estarei preparado para essas coisas!

-Então tá! E a propósito: cuidado com o rosado. Aquelas pontas que ele tem no rabo estão envenenadas! Veneno para arcanjo, se é que me entendeis.

Uriel olhou para o rabo do dragão que se posicionava à sua frente. Era um rabo nervoso, que se contorcia para lá e para cá.

-Eu preferia não saber disso! – reclamou o anjo. Mas não teve tempo para mais muito coisa, pois Miguel gritou:

-Agora!

Velozmente, sacou a sua espada, jogando-a ao alto e, quando ela começou a cair, usou o seu poder mental, e ela se fincou no peito do dragão marrom, que soltou ao ar um urro medonho e estrondoso. E, como o arcanjo previra, quase imediatamente, os demais lançaram as suas chamas, que se encontraram bem onde estavam os dois enviados. Então, eles sustentaram os seus escudos e aquilo, embora tivesse durado alguns segundos, pareceu uma eternidade. O que fez com que o anjo gritasse:

-Eu quero a naldê que me gerou!

Quando o fogo cessou, Uriel, tendo as pernas em chamas, caiu no chão, tentando regular a sua mente. Miguel, embora chamuscado, não se fez por rogado. Avançou rapidamente contra o dragão marrom. Este, engasgado, tentava em vão abocanhar a espada, enfurecido. O arcanjo agarrou o cabo da espada e puxou-a fora, gritando:

-Dai-me licença. Isto me pertence!

Arrancou a espada o peito do dragão marrom, produzindo outro urro. Ao mesmo tempo, o esmeralda aproximou-se silenciosamente dele, pelas costas, tentando surpreendê-lo. Mas, dizem, os arcanjos têm olhos na nuca e, no mesmo movimento que retirou a espada do marrom, decepou a cabeça do temível dragão esmeralda, o mais poderoso dos três.

E, ao mesmo tempo em que fez isso, voou.

O dragão marrom foi atrás.

Mas o dragão rosado estava também enfurecido. Ele se aproximou de Uriel, que ainda estava deitado, tentando recuperar as pernas da inexistência, ainda segurando o escuro. Estudou o anjo negro por alguns instantes. Mas era um dragão impaciente. Então, fez o que mais gostava de fazer: agitou o seu rabo no ar e projetou a ponta contra o anjo. Mas Uriel já estava mais treinado mentalmente. Assim, ele interpôs o escudo, ainda deitado, e o golpe foi detido com um estrondo.

Sentindo a vibração no escudo ainda a ribombar, levantou-se o mais rápido que pôde. Encarou o dragão, mas ele não queria amizade, mas sangue de anjo.

-Dragãozinho bonitinho! – disse o anjo, desajeitadamente indo para trás, segurando o escudo. – Eu sou vosso amiguinho!

Mas o sauro não queria saber de conversa. Com rabo, deu um golpe pela esquerda e depois pela direita. Desajeitado, Uriel jogou o escudo de um lado para o outro. As protuberâncias do rabo se chocaram pesadamente contra o carbonarium, espirrando veneno para todos os lados.

Mas o dragão já estava impaciente. Deu uma volta sobre si mesmo, furioso, buscando uma forma de liquidar o anjo. Então, se posicionou, e mandou fogo.

Mas, desta vez, Uriel se agachou atrás do escudo, não queria ter as pernas consumidas. E esperou pacientemente, apenas gritando:

-Ai, ai, ai, ai, ai!

Quando o fogo terminou, o dragão estava mais impaciente ainda. Na verdade, estava furiosíssimo. Furioso com o anjo e mais furioso ainda com o escudo, que o impedia de torrar o anjo. Então, o dragão tentou abocanhar o escudo.

Uriel ficou mudando-o de lugar, fazendo caretas e gritando:

-Hei, hei, hei!

E, por alguns instantes, eles pareceram duas crianças a brincar de um tentar roubar o objeto do outro. Até que o dragão, no ápice da irritação, abriu a boca o mais que pôde, e abocanhou o escudo. Ao mesmo tempo, Uriel, como por instinto, empurrou o escudo para dentro da boca do dragão e, então, este ficou lá entalado, no fundo da boca, de tal forma que o dragão, por mais que tentasse fechar a boca não mais o conseguia.

Uriel, então, franziu as sobrancelhas, inclinou a cabeça e coçou o coro cabeludo, olhando embasbacado para o que havia acontecido com o dragão. Mas este já havia ultrapassado o seu limite de tolerância.

Então, soltou novamente as suas chamas. Isso após ter inspirado o mais que pôde, ter armazenado ar na maior pressão que poderia suportar e feito os seus órgãos internos funcionarem na geração do hidrogênio. Tais esforços fizeram com que ele lançasse um dos mais formidáveis jatos ígneos da história dos dragões na Via Láctea.

Uriel, com um reflexo, saltou para trás, caindo pesadamente de costas no chão.

Mas a boca do dragão estava tampada pelo escudo e lançar chamas não fora uma boa idéia, pois aquele formidável espécime rosado explodiu em um milhão de fragmentos incandescentes.

Enquanto isso, Miguel subia, subia e subia, com o dragão marrom atrás. Eles atravessavam as poucas nuvens que aquele clima glacial permitia e continuavam a subir. Miguel batia as suas alvas asas sem utilizar toda a sua força, elevando-se propositadamente

devagar, de tal forma que o dragão se mantinha em seu encaixe, porém, fora do alcance das chamas.

Mas Miguel sabia o que estava fazendo. A espada havia aberto uma fenda no peito do dragão. Embora não tivesse atingido uma região fatal do seu corpo, abriu um orifício até o órgão onde o hidrogênio era armazenado, o qual o arcanjo conhecia muito bem.

Assim, conforme subiam e a pressão externa diminuía, o hidrogênio era forçado a abrir a ferida.

-Continua vindo! Continua vindo! – rezava Miguel.

E, é claro, o dragão, enfurecido, subia e subia.

Mas aquela também não havia sido uma boa idéia, pois, assim que o hidrogênio fluiu para fora, através da fenda produzida pela espada flamejante, os eletrócitos espalhados pela carne do animal trataram de incendiá-lo. Assim, o dragão marrom teve o mesmo destino que o rosado.

Miguel parou, então, no ar, e ficou observando os pedaços do sauro alado se distanciando, capturados pela gravidade, rotacionando ainda em chamas.

Depois, tratou de voltar rapidamente para ajudar o companheiro. Mas, quando retornou, o encontrou ajoelhado na neve, com os braços estendidos, os olhos arregalados e um sorriso bobo nos lábios, sem parar de balbuciar:

-Eu não acredito! Eu não acredito!

Miguel pousou e deu uma volta sobre si mesmo, procurando o dragão rosado. Então, quando percebeu o que aconteceu, sorriu, aproximou-se do companheiro e colocou ambas as mãos nos seus ombros, chacoalhando-o:

-Uriel! Uriel! Conquistes! Matastes o dragão! Vosso primeiro!

-Eu fiz isso? – indagou o anjo, ainda incrédulo.

-É claro que fizestes!

Uriel chacoalhou a cabeça, como que tentando voltar para a realidade.

-Caramba! – desabafou.

Então, Miguel foi até o escudo do anjo e o apanhou, declarando:

-Agora só falta um!

Uriel tentou colocar as idéias em ordem. Estava feliz com a proeza que acabara de executar. Mas algo lhe ocorrera:

-Hei, esperai lá! Vós me deixastes aqui! Eu poderia ter sido consumido!

-Não, Uriel! – disse o arcanjo, sofregamente. – Na tetravisão eu vi...

-Vistes nada! Bem, vistas a minha morte, não foi! Aquele troço de churrasco de anjo!

Miguel parecia embaraçado e um pouco triste.

-Não, Uriel. Eu vi! – Então, abaixou a cabeça e confessou: - Vi sim a probabilidade de serdes consumido. Sim, mas... vi também a possibilidade de vencerdes. Então... então eu... confiei em vossa mente!

Uriel olhou bem para o companheiro. Seus olhos se cruzaram. É claro que ele podia estar mentindo. No caso, teria sido abandonado lá para perecer. Mas... seus olhos não indicavam isso. Ele poderia estar sendo sincero. Então, havia de fato confiado no companheiro, havia apostado que Uriel também poderia vencer um dragão de Kanera e havia contado com isso.

Então, diante dessa dúvida racional, veio o sentimento. E tudo o que Uriel pôde sentir nesse momento foi apenas uma coisa: amizade.

#####

Dois dias depois, aterrissavam no pólo sul do planeta. Era estranho porque o dragão havia procurado aquela região desabitada. Durante os dois dias, Miguel o pressentira. Havia dito que era instável e estranho e o arcanjo estivera cada vez mais sombrio. Agora pareciam estar perto. Uriel olhou a imensidão branca que se estendia para todos os lados. Ali a paz parecia perturbada apenas pelo vento incessante, zigzagueando entre as montanhas de gelo.

Então, olhou para o companheiro. Miguel estava taciturno, olhando para o nada. Sombrio.

Ele sentia o dragão. E era um sentimento que nunca experimentara antes. Já sabia de que espécie era: um dragão vermelho. Tinha fama de assassino. Mas... aquele dragão era diferente de todos os outros que havia conhecido. Longe de emanar raiva e ferocidade, ele deixava um rastro de... frieza. Parecia algo racional e... diabólico.

-Uriel... – balbuciou o arcanjo, sem deixar de olhar para o nada.

-Que é?

-Se eu perecer em batalha... tomai minha espada e destrói o dragão, se não nossa missão terá sido em vão!

E Miguel disse aquilo com um tom muito sinistro.

-Hei. Não estou gostando nada disso! Vós sois o matador! E aquele é apenas mais um dragãozinho!

Então Miguel se virou de repente, em direção ao anjo, e bradou quase violentamente:

-Não é um dragão qualquer! Este é o dragão! Vós me entendeis?

-Credo! – disse o anjo negro, esconjurando. – Vede se vos anima, ô!

-Prometei-me, Uriel! – repetiu enfaticamente o arcanjo, agarrando o braço de seu companheiro.

Mas o anjo não pôde responder, pois algo lhe atraiu a atenção. Então, ele apontou para longe e indagou:

-Que diabo é aquilo?

A mais ou menos um quilômetro de distância, um objeto negro se deslocava, emitindo um ruído, um silfo entrecortado, com uma luz azul a piscar, num período exato de dois segundos.

Miguel se virou e estreitou os olhos. Sabia o que era aquilo.

-Uma sonda. Uma sonda kaneriana. Precisamos destruí-la, Uriel.

Então, passaram a caminhar em direção a ela. Mas, quando já estavam próximos o suficientemente para constatar que ela tinha o formato de um cilindro vertical, montado sobre um trator de esteiras, algo lhes interpôs o caminho. Algo grande. Imenso.

Quando pousou, a terra tremeu.

Uriel quase teve uma síncope. Miguel ficou pasmo. Jamais vira um dragão tão grande. Deveria ter pelo menos umas cem toneladas, mais que o dobro do peso do maior dragão que já vira até então.

O vermelho de sua couraça brilhava contra o parco sol do verão meridional. Seus olhos eram frios, próprios de uma criatura que, provavelmente, não tinha alma.

Miguel engoliu a seco. Sentia a sua inteligência e, ao mesmo tempo, sua falta de piedade. Ele, frio e calculista, aproximou a sua face dos seres alados, sem temer ter o seu pescoço cortado, afinal, aquele pescoço era tão grosso e robusto que até mesmo uma espada flamejante parecia impotente.

Mesmo sentindo o medo subindo através do seu peito, Miguel não deixou de encará-lo. Colocou a mão sobre o cabo da espada, ao mesmo tempo em que o escudo aparecia no seu braço esquerdo, deslizando das costas. Concomitantemente, fitou algo que o dragão tinha entre os olhos, na testa. Uma pedra. Uma brilhante e semitransparente pedra vermelha, camuflada no couro de mesma cor.

-Fugi, Uriel. Fugi!

Uriel olhou de um lado para outro, alternando entre o companheiro e o dragão, sem saber o que fazer.

-Fugi enquanto podeis! – insistiu o arcanjo.

Duas espessas cortinas de fumaça fluíam das narinas do dragão, emaranhando-se em torno de seus infundáveis chifres. Então ele decidiu iniciar um jogo. Soltou uma labareda, mas uma labareda fraca, típica de um dragão vermelho comum.

Miguel se agachou atrás do escudo, protegendo-se facilmente das chamas, enquanto afundava em água fervente. Uriel simplesmente voou.

Quando as chamas cessaram, Miguel sentiu que estava dentro de água líquida até as canelas. Então, voou também. Não iria enfrentar aquele monstro no solo. Se tivesse alguma chance, seria por cima.

Assim, sem dar tempo para que o dragão inspirasse e exalasse uma segunda baforada, atacou. Dançou com a sua espada e, num conjunto complexo de movimentos rápidos, tentou infrutiferamente golpear os olhos do dragão. E ele não gostou nada daquilo.

Num movimento de voleio com o pescoço o dragão soltou um jato de fogo bem mais longo e potente que o primeiro. O jato percorreu o ar, à procura do arcanjo, com um espetacular formato curvo, como um braço de uma galáxia em espiral. O jato amarelo e vermelho zuniu contra o ar frio. E foi um movimento rápido e inesperado que quase envolveu o arcanjo nas chamas do inferno.

Mais distante, Uriel cobriu o rosto com ambas as mãos e fez uma careta:

-Senhor da Luz! Que bicho feio!

Miguel, agora, rapidamente, fez um movimento em forma de S vertical na direção do monstro, tentando, ao final, atingir-lhe o lado inferior da boca. Já havia rasgado alguns dragões ardilosos assim. Nesse golpe, enfiava a espada sob a cabeça do dragão, de baixo para cima, uma região relativamente vulnerável.

Mas, novamente, não deu certo. O dragão rapidamente desviou a cabeça e Miguel sentiu algo a lhe acertar por trás. Era o rabo da fera que, num movimento preciso, atirara o arcanjo para a frente, enterrando-o na neve.

"E agora?", pensou Uriel, que a tudo observava, impotente, de longe. Pensou no que fazer, enquanto o dragão caminhava calmamente em direção ao companheiro, que parecia desfalecido na neve. Mas nada lhe ocorreu. Nada que ele pudesse fazer. Então pensou no que faria o seu ídolo absoluto: Gabriel.

Mas o dragão já estava sobre Miguel. E ele fez algo absolutamente inesperado: Em vez de liquidar o inimigo, em vez de consumir o arcanjo até a alma com o seu fogo, ou abocanhá-lo até triturar-lhe o espírito, simplesmente apanhou-o, envolvendo-o com as garras de uma das patas dianteiras. Então, o grande dragão vermelho ergueu Miguel e, tranquilamente, passou a virá-lo de um lado para o outro, examinando-o.

O arcanjo acordou e Uriel, já desesperado, observou que ele estava sem a sua espada flamejante, que repousava sobre a neve. E também estava sem o seu escudo, totalmente vulnerável.

-Ai, ai, ai, ai, ai! – gritou o anjo negro. – Vamos Uriel, pensa, pensa!

Miguel se contorcia no meio das garras do monstro, tentando se libertar, enquanto o dragão o aproximava de sua boca.

Foi quando Uriel teve uma idéia. Foi nesse instante que o anjo negro deu o primeiro passo em sua existência como um arcanjo. Pois ele se lembrou de algo. Lembrou-se de um episódio dos feitos de Gabriel. Então, quase instintivamente, tocou em sua própria cintura, e constatou que a trombeta ainda estava lá.

Foi quando o dragão decidiu o que fazer. Foi quando ele vislumbrou que fim iria dar ao arcanjo. Então, arremessou-o com toda a força contra o monte mais próximo. E foi tão forte aquele arremesso, um movimento gerado por músculos físicos, mas também astrais, que o corpo de Miguel atravessou uma camada de cinco metros de neve e foi parcialmente esmagado contra a rocha que estava no fundo.

O dragão, então, inspirou, mas, antes que pudesse desintegrar aquele monte de trezentos metros de altura, a trombeta soou.

Foi um som reverberante. Profundo. Astral.

As rochas voaram, a neve entrou em suspensão, enquanto Uriel se surpreendia com os seus próprios pulmões. Havia feito da maneira que os tratados haviam descrito o sopro de Gabriel e, agora, se via como que num campo onde a gravidade não existia e, montes, montanhas, neve e icebergs flutuavam.

Desorientado, o dragão não emitiu as suas chamas. Sem parar de tocar, Uriel procurou o corpo do seu companheiro, que flutuava no ar, rotacionando em torno si mesmo.

Agarrou-o e o puxou, quando parou de tocar. A gravidade voltou e as rochas e gelo se precipitaram. Então, antes que atingissem o chão, deu o toque final: uma nota única, aguda, potente.

Como efeito, toda a matéria em suspensão, milhões de toneladas, se precipitaram sobre o dragão, sepultando-o sob uma grande montanha, por um milhão e duzentos mil anos, até que fosse encontrado por um bando de gnomos, na Era das Salamandras.

#####

Dezenas de anjos estavam reunidos no pátio, e alguns arcanjos também. Longe de preenchê-lo, pois o pátio era imenso, mas havia plenitude ali. Plenitude de sentimentos. Miguel era o mais animado entre a platéia. Estava em pé, como os outros, alinhados num semicírculo, em torno do altar. Sentia orgulho do companheiro.

Uriel estava com um joelho plantado no solo, bem próximo ao altar de um metro de altura. Pouco em relação à estatura de cinco metros de um arcanjo. Estava sorrindo de orelha a orelha, afinal, era a realização de um sonho antigo: seu próprio Erhah-Lalôt.

Conforme Fanuel falava, entoando os cânticos do longo ritual, Uriel repetia tudo baixinho, ou, antes, antecipava, pois sabia cada uma daquelas palavras decor. Então, finalmente, veio a sua parte favorita do cerimonial, o Arqui-Andotou, e o seu coração disparou.

O assistente trouxe os objetos sobre a bandeja e Fanuel, enfim, indagou:

-Espada ou chave?

Mas Uriel já sabia a resposta. Sonhara com ela por milhares de anos. “Quando eu me tornar um arcanjo...”, pensou. Já havia feito a escolha há milhares de anos atrás quando adotara o seu ídolo, o seu ícone e inspirador: o arcanjo Gabriel.

Então, sorrindo largamente, expondo os alvos dentes em contraste com a pele, disse em bom tom:

-Chave!

#####

Nos próximos dias, Uriel recebeu os primeiros treinamentos como arcanjo. Miguel insistiu em instruí-lo no manuseio da espada flamejante. Assim, treinaram com afinco. Bem, pelo menos da parte de Miguel, pois este descobriu que o arcanjo negro não era lá muito bom com a espada, embora percebesse, a cada dia que se passava, que ele era inigualável quando se tratava da trombeta.

E, quase todos os dias, ao término dos treinos, iam beber alguma coisa. Uriel preferia coquetel de limões, mas Miguel procurava encher a cara com néctar de bora. Assim, ficava mais fácil agüentar as intermináveis histórias sobre Gabriel.

Mas, um dia, eles foram chamados novamente ao pátio. E o teor da mensagem mental que receberam tinha todas as características de uma nova missão. Mas, quando lá chegaram, se espantaram pois lá estavam reunidos vários anjos e arcanjos. Oito arcanjos no total, incluindo eles, foram chamados. E havia seres importantes ali. Aor retornara e assumira a forma de um arcanjo. Isso não é bom sinal, pensou Miguel, ele quer se parecer conosco para nos confortar. O que vem por aí será fogo, como diria Uriel. Mas havia outra potestade ali: Ignior Thao, também na forma de arcanjo.

Fanuel já se preparava para falar, subindo na plataforma, se posicionando atrás do púlpito. Mas Miguel reparou que o companheiro estava absorto, olhando para o outro lado: é claro, Gabriel também estava ali. Então, deu-lhe um tapa bem forte no ombro. Assim, ele se lembrou que deveria olhar para o sub-comandante. E era melhor ele não facilitar, pois Miguel estava sabendo que Fanuel estava a um passo de mandá-lo para as masmorras de Anthar, por mau comportamento durante os treinamentos.

-Como sabeis, neste setor há dois mundos em que a humanidade floresce – declarou Fanuel. - Um deles é Iridium Lothar e o outro, a Micropella. Recebemos ordens do Alto Comando para protegemos esses seres em sua senda evolutiva, orientando-os da maneira que pudermos. Então, um regente foi nomeado para cada um dos mundos. Ignior Thao será

enviado para Iridium, enquanto que Aor Surya assumirá a Micropella. Dos arcanjos aqui presentes, quatro serão designados como assistentes de Ignior e quatro de Aor.

Os arcanjos olharam-se uns aos outros, tomados por mil pensamentos. Dentre eles, tentar adivinhar para onde seriam designados.

-Atenção, arcanjos, para vossas designações – disse o sub-comandante, com voz enérgica.

-Ataniel... Iridium.

O coração dos arcanjos passou a bater mais forte. Sabiam que permaneceriam um longo tempo nesses mundos, pois é longa a senda da evolução. Teriam que ajudar os humanos até a sua maturidade, ou seja, até pelo menos que seus espíritos fossem maduros o suficiente para se transformarem em magos. Talvez um eon, pensou Miguel.

-Bethaniel... Iridium.

Mas agora Miguel se lembrou do dragão que não conseguira matar. Fora o único dragão que não pudera vencer. Se fosse para a Micropella... o enfrentaria caso ele se libertasse do gelo. Mas como?

-Gabriel... Micropella.

Conforme os arcanjos recebiam a designação, se posicionavam diante de seu comandante. Assim, Miguel viu – pela primeira vez tão de perto – a figura de Gabriel. Não sabia se aquele era o seu estado fundamental, mas ele se apresentava como um velho sábio, com dobras mongólicas, olhos pequenos e repuxados, rosto redondo. Mais o mais impressionante eram os cabelos: na verdade, não os tinha. Em seu lugar, sobre toda a cabeça, havia chamas. Chamas amarelas e vermelhas que se elevavam a um metro acima da cabeça. Não foi a toa que Uriel não tirava os olhos dele. Agora, parecia que ninguém conseguia tirar os olhos dele. Sua designação para a Micropella não tinha sido uma surpresa para Miguel. Afinal de contas, Gabriel já era assistente de Aor. Era chamado de Anunciador, pois transmitia a palavra do comandante para os diversos mundos.

Mas algo tirou Miguel de seus devaneios: ouviu o seu próprio nome.

-Miguel... Micropella.

Pronto! Iria até onde estava o invencível dragão congelado.

Miguel caminhou pensativo e se colocou ao lado de Gabriel, evitando olhar para ele. Estavam diante de Aor.

-Mosael... Iridium.

-Rafael... Micropella.

Uriel observou bem quando o belo arcanjo surgiu no meio de um bando de anjos. Era alto, musculoso, com o peito largo. Tinha uma longa cabeleira dourada encaracolada.

Caminhou decididamente em direção a Aaor. Aquele tinha fama. Diziam que era tão belo que centenas de anjos se tornaram naldês para amá-lo. Diziam que era irresistível quando queria e que absolutamente nenhuma humana resistia a ele. Ele exercia uma espécie de fascínio inelutável sobre os entes femininos de diversas espécies da linhagem evolutiva humana e Uriel não tinha certeza qual seria o efeito daquilo sobre as fêmeas de homo sapiens da Micropella.

Rafael se posicionou ao lado de Miguel, não antes de acertar-lhe o ombro com um soco doído, a moda de cumprimento, afinal, ele era meio bruto. Era famoso pela execução de missões “sujas” e, Uriel não o sabia, mas seria conhecido mais tarde como o carrasco de Aaor.

Enquanto o arcanjo negro via Miguel contrair os ombros e massagear o que levaria um soco, com uma cara de poucos amigos, ouviu o seu nome:

-Uriel...

Seu coração quase saiu pela boca. Viu que Fanuel, do alto do púlpito, o fitava com os olhos estreitos e face dura, como se estivesse dizendo mentalmente: estarei de olho em vós!

Mas Uriel fechou os olhos. Fechou não, mais que isso: os apertou. Cruzou os dedos e cerrou as mãos, balançando-as próximas ao queixo. Torceu. Somente faltavam ele e Zatiel. Cada um dos times já tinha três membros, então, tinha cinquenta por cento de chance de ser designado para cada um dos mundos. Mas queria ficar ao lado de Gabriel, então torceu, rezou, implorou, baixinho:

-Micropella, Micropella, Micropella!

Mas Fanuel proferiu a sua sentença:

-...Micropella! – disse ele.

Uriel quase não acreditou no que ouviu. Iria servir ao lado de Gabriel, o seu ídolo. E não era só isso, estaria sob as ordens do próprio Senhor da Luz também. Como podia? Outro dia mesmo estava lavando o chão da cozinha!

Mas ele estava tão anestesiado, olhando para o nada de boca aberta, que nem se dirigiu ao Senhor da Luz.

-Pode ir para o seu lugar, criatura! – gritou o sub-comandante.

Aquilo tirou Uriel do torpor e, então, ele caminhou em direção aos companheiros. Bem, pelo menos ele tentou. Estava tão emocionado que as pernas lhe ficaram duras. Assim, se moveu em pequenos passinhos, se esforçando por movimentar as pernas duras, as quais os joelhos não se mexiam de jeito nenhum. Desta forma, foi se balançando, inclinando-se de um lado para o outro, quase caído por duas vezes, o que arrancou risos de todos os presentes, fazendo com que Fanuel olhasse para o céu azul, em sinal de desespero.

Mas, por fim, conseguiu se colocar do lado de Rafael, que ria escandalosamente. E, quando lá chegou o “carrasco” lhe deu uma gravata no pescoço, em sinal de amizade, quando Fanuel finalmente pôde concluir as designações:

-Zatíel... Iridium.

Assim, ficaram os quatro enviados à Micropella, perfilados, esperando as palavras finais do sub-comandante: Gabriel, sábio e sorridente, com suas longas e vivas chamas na cabeça; Miguel, taciturno e preocupado, com os seus curtos cabelos negros encaracolados; Rafael, o belo, com a sua pinta de Galã da Galáxia; e Uriel, o negro, com uma cara de "o que é que eu estou fazendo aqui?".

Mas Fanuel era um arcanjo-principado de poucas palavras. Assim, encerrou o evento com apenas uma:

-Dispensados!

#####

www.mitraxsaga.com

Próximo conto da Saga de Mitrax:

Vivendo por um beijo

Imagem da capa:

Guido Reni

Em dezembro/2012:

O primeiro livro da Saga de Mitrax:

A Grande Rainha

Nas melhores livrarias do país.